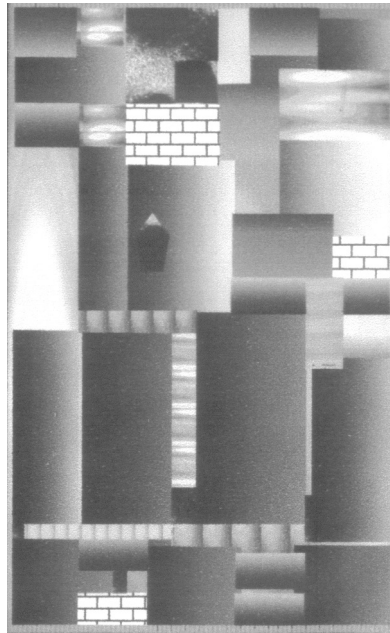


ARTIGOS





ALBERTO MAGNO E O *LIVRO DAS CAUSAS*

*Carlos Arthur R. do Nascimento**

A maneira como Alberto Magno (1206/07–15-11-1280) é muitas vezes situado no pensamento do século XIII pode dar a impressão de uma certa marginalidade. Costuma-se chamar a atenção para o fato de ter sido, em termos de média de vida da época, um macróbio: 73/4 anos. Foi também o professor de Tomás de Aquino em Colônia, no período de formação teológica deste (1248-1253). Chegou-se mesmo a mencionar um albertino-tomismo, como se houvesse uma continuidade doutrinal entre Alberto e seu aluno. Enfim, sintoma significativo, só foi declarado santo em pleno século vinte (1931) por Pio XI. No entanto, sua importância, quanto a criar uma escola, é preponderante no que se refere à chamada escola dominicana alemã, que arrola nomes como Teodorico de Friburgo (c. 1245-c. 1318), Bertoldo de Moosburg (c. 1290-1361), Ulrique de Estrasburgo (c. 1220-1277) e Mestre Eckhart (c. 1260-1328), sem falar dos albertistas do século XV, entre os quais João de Maisonneuve (c. 1375-1418), Heimeric de Campo (1395-1460) e João de Malines (1405-1475)¹.

* Prof. Titular aposentado da PUC-SP e da Unicamp.

1. Aqui no Brasil, ao que se saiba, não há ninguém estudando Alberto Magno no momento. No final da década de 50 e início da de 60 do século passado, Michel Schooyans, que lecionou na PUC de Campinas e de São Paulo, publicou alguns trabalhos resultantes de sua tese de doutorado em filosofia, defendida na Universidade de Louvain em 20-12-1958. Há também um artigo de Oris de Oliveira sobre A noção de pessoa nas obras de santo Alberto Magno, republicado em *Scintilla* 8, nº 2 (jul.-dez. 2011), p. 145-186, e a tese de Carlos Lopes de Matos sobre “A teoria do conhecimento de Tomás de Aquino e sua fonte imediata”, São Paulo: Coleção da Revista de História, XVII, 1959. Alguns artigos esparsos e uma série de artigos de J. R. Pierpaoli sobre a política em Alberto Magno.

Alberto tinha se proposto o objetivo de tornar acessíveis aos latinos o saber dos gregos, árabes e judeus². Entre seus comentários de textos peripatéticos, consta o *De causis et processu universitatis a prima causa*³, que Alberto considerava como contendo a parte culminante da metafísica peripatética: “este livro deve ser acrescentado à filosofia primeira para que dele receba a perfeição final”⁴.

Quanto à origem do *De causis*, Alberto indica que ele foi composto por “Davi, o Judeu”, que reuniu alguns trechos de uma carta de Aristóteles sobre o princípio do universo e pronunciamentos de Avicena, Algazel e Alfarabi⁵. Alberto situa-se, portanto, antes da identificação por Tomás de Aquino do *Livro das causas* como “um livro em árabe, que é chamado, entre os latinos, de *Sobre as causas*, que consta ter sido traduzido do árabe e que não se tem absolutamente em grego; donde, parecer ter sido extraído por algum dos filósofos árabes do supramencionado livro de Proclo, principalmente porque tudo que está contido neste livro, está contido muito mais completa e extensamente naquele”⁶. Tomás tinha se referido nas linhas precedentes a um livro em grego da autoria de Proclo, platônico, contendo 211 proposições intitulado *Elementos de teologia*⁷.

2. “Nostra intentio est omnes dictas partes (physicam, metaphysicam et mathematicam) facere latinis intelligibiles” (*Física*, lib. I, Tract. I, cap. 1).

3. Boehner, Ph. E Gilson, E. *História da filosofia cristã*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1970, p. 395-397. Alberto Magno, *De causis et processu universitatis a causa prima*. In: *Alberti Magni Opera Omnia*, Tomo XVII, Parte II, Munique: Aschendorff, 1993.

4. O peripatetismo de Alberto se encontra em Aristóteles, retomado pelos árabes e judeus, que incorporam elementos neoplatônicos. A citação se refere a Alberto Magno, *De causis*, Liv. 2, trat. 1, Cap. 1, p. 60, linhas 4-5. As citações subsequentes obedecerão ao mesmo padrão que esta.

5. *De causis*, 2, 2, 1, p. 59, lin. 9-18; 2, 2, 1, p. 61, lin. 65-68. Cf. De Libera, A. Albert et Thomas d’Aquin interprètes du *Liber de causis*. *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 74 (1990), p. 354.

6. TOMÁS DE AQUINO, *Exposição sobre o Livro das causas*, H. D. Sarfrey (ed.). Friburgo, Societé Philosophique; Louvain, Ed. E. Nauwelaerts, 1954, Proêmio, p. 3, lin. 6-10.

7. Idem, *Ibidem*, lin. 3-6.

Tomás pôde fazer esta constatação porque ele dispunha da tradução latina dos *Elementos de teologia* de Proclo, feita por Guilherme de Moerbeke, concluída em 18 de maio de 1271⁸. O texto do *Livro das causas*, de acordo com os estudiosos, é a tradução latina por Gerardo de Cremona, antes de 1187 (data de sua morte), de um texto árabe composto em Bagdá no século IX, cujo título é *Livro sobre a exposição da bondade pura – Liber de expositione bonitatis purae*. Este texto deriva de uma antologia existente no final do século IX no círculo de Al-Kindi em Bagdá, que reunia adaptações das *Enéadas* (IV-VI) de Plotino, dos *Elementos de teologia* de Proclo e de tratados de Alexandre de Afrodisia. No final do século IX esta antologia (Uthulujjiya) se desfez e a parte referente aos *Elementos de teologia* de Proclo deu origem ao *Livro das causas*. A antologia inicial tinha por função ser um complemento da *Metafísica* de Aristóteles, livro XII (Λ), isto é, ser o seu ponto mais elevado e a meta da própria *Metafísica*, isto é, a teologia⁹.

A data precisa de redação do *De causis et processu universitatis a prima causa* é desconhecida. Os indícios internos e externos permitem apenas dizer que foi composto entre 1264-1267 e 1268¹⁰.

O *De causis et processu universitatis a prima causa* contém dois livros. O primeiro trata das “propriedades da causa primeira e dos que procedem da causa primeira”, isto é, as *causas primárias* subordinadas à causa primeira. O livro segundo se ocupa com a “determinação das causas primárias”. Na realidade, é apenas com o livro II que o texto do *Livro das causas* é acompanhado. O livro primeiro contém quatro tratados, cujo conteúdo é o seguinte.

Tratado primeiro: as opiniões dos antigos que trataram do assunto do primeiro livro; Os antigos são classificados em três escolas – os *epicuristas*, os *estoicos* e os *peripatéticos*.

8. No início de sua carreira, Tomás ainda atribuía o *De causis* a Aristóteles. Ver, por exemplo, *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio*. Q., 6, a. 1, arg. 2 da terceira série. Tradução brasileira, São Paulo: Ed. Unesp, 1998, p. 142. Cf. TORRELL, J.-P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 258-259.

9. Cf. DE LIBERA, A. *Albert le Grand et Thomas d’Aquin...*, op. cit., p. 350-352.

10. ALBERTO MAGNO, *Opera Omnia*, XVII, II, p. V, lin 51-80. Cf. DE LIBERA, A. *Albert le Grand et Thomas d’Aquin...*, op. cit., p. 252.

Tratado segundo: o conhecimento científico do primeiro e do que lhe cabe; ciência aqui é entendida no sentido subjetivo, isto é, a ciência de que o primeiro é dotado.

Tratado terceiro: liberdade, vontade e onipotência do primeiro; tem-se aqui o paralelo, quanto à vontade, ao tratado segundo.

Tratado quarto: sobre o fluxo dos causados a partir da causa primeira e sobre a ordem das causas. É o tratado sobre o qual nos deteremos mais detalhadamente.

Alain De Libera considera este primeiro livro uma exposição da teologia do primeiro princípio com base na *metafísica* de Al Ghazali¹¹. O livro segundo seria uma teologia das inteligências e do governo (*regimen*) divino, baseada no *Livro das causas*¹².

O tratado quarto do livro primeiro contém oito capítulos cuja ordem parece suficientemente clara a partir de seus próprios títulos.

Cap. 1 – O que é fluir uma coisa de uma coisa.

Cap. 2 – O que é influir.

Cap. 3 – Sobre o modo do fluxo e do influxo.

Cap. 4 – O que flui em que.

Cap. 5 – Sobre a ordem dos fluentes a partir do primeiro.

Cap. 6 – Sobre a ordem das causas do mesmo gênero, pelas quais se dá o fluxo do primeiro até o último.

Cap. 7 – Sobre a questão, se o céu é movido pela alma, pela natureza ou pela inteligência.

Cap. 8 – Sobre a ordem dos que fluem a partir do primeiro princípio, de acordo com todo grau da universalidade dos entes.

11. Tradução latina do *Maqasid al-falásifa (Intensões dos filósofos)*, Sumário do pensamento filosófico, que ele rejeitou. Foi considerado pelos latinos como um aviceniano.

12. *Albert le Grand et Thomas d'Aquin...*, op. cit., p. 364. Para maiores detalhes, De Libera, A. *Raison et foi*, Paris: Seuil, 2003, p. 290-298.

O título do capítulo 7 deixa perceber que se trata de uma consideração ontológico-cosmológica. O cap. 8 detalha esta ordem com a geração das 10 esferas celestes, à moda aviceniana. Detenhamo-nos no cap. 1.

A conexão com o que precede é indicada pela última frase do cap. 6 do tratado precedente (três) e pela primeira deste cap. 1 do tratado quarto:

- O intelecto do primeiro princípio é pura e simplesmente agente (Liv. I, 2. 1. 72; p. 25,72-26,28), como dissemos e na própria luz essencial precontém a forma de toda coisa e pela mesma luz essencial procedente dele é o constitutivo nocional (*ratio*) e a ideia das coisas e pelo mesmo infundido nas coisas constitui e distingue toda coisa.

- Porque já pretendemos explicar como o causado flui a partir da causa, é preciso dizer primeiro o que é o próprio fluxo.

Alberto Magno, *Sobre as causas e a procedência de tudo a partir da causa primeira*. Livro I, tratado 4, cap. 1. Texto das *Opera omnia*. Tomo XVII, parte II, p. 42-44.

Cap. 1 – O que é uma coisa fluir a partir de uma coisa.

Porque já pretendemos expor como o causado flua da causa, é preciso que digamos primeiro o que é o próprio fluxo. Com efeito, uma é a divisão da causa e outra a divisão do princípio do fluente. Com efeito, não flui senão o que é de uma forma no fluente e no e a partir do qual se dá o fluxo. Assim como o rio é da mesma forma com a fonte a partir da qual flui e a água em ambos é da mesma espécie e forma.

Ora, isto nem sempre acontece no causado e causa. Com efeito, há uma causa que é causa equívoca. Semelhantemente, fluir não é o mesmo que causar univocamente, pois a causa unívoca e o causado, às vezes, causam em outro. Ora, da fonte, a partir da qual se dá o fluxo, flui apenas a forma simples sem que transmude algo no sujeito por movimento de alteração ou algum outro. Assim como dizemos que a forma da arte flui da arte simples que é do mesmo constitutivo nocional no espírito, que é seu veículo, quando flui na mão e nos instrumentos do artífice e quando é tomada na própria arte e em sua

origem. Se algo transmuda a matéria na qual a forma deflúe, isto não é da essência do princípio a partir do qual se dá o deflúo; mas são qualidades ativas ou passivas de alguma outra causa que transmuda instrumentalmente o sujeito. Assim como o machado e a machadinha são instrumentos usados corporalmente por causa da matéria e não por causa da forma da arte, que deflúe, ou por causa da arte que é o princípio deste fluxo. Donde, visto que a causa nada faça a não ser em algum sujeito existente e o fluxo por seu constitutivo nocional nada diga senão o processo da forma a partir do princípio formal simples, fica claro que fluir não é o mesmo que causar.

Mas também não é o mesmo que principiar. Com efeito, caso se insista que é princípio, todo princípio é algo da coisa, da qual é princípio. O próprio nome soa assim, pois o princípio é o primeiro da coisa. Ora, o que é fonte de tal fluxo, da qual falamos aqui, nem sempre é algo da coisa, porque a primeira fonte não é misturável com nada nem pode ser parte de alguma coisa, que constitua. Por isso, flui tanto no imediato como naquilo que está mediatamente unido, portando-se de um e o mesmo modo para com tudo, embora tudo não se porte de um e o mesmo modo para com ela. A partir do que, fica claro que fluir não é constituir de maneira elemental, pois o que é constituído de modo elemental é composto dos primeiros constituintes do mesmo, de acordo com a forma. Ora, o fluxo pretende ser de algo simples, que no seu ser nada tem de componente elemental.

A partir disto, fica claro que o fluxo é pura e simplesmente a emanção da forma a partir da fonte primeira que é a fonte e origem de todas as formas. Por isso Platão (*Timeu*, 28a) chamou tal origem de doador das formas.

Se houver algo que funda depois da origem primeira das formas, isto não funde senão por virtude da primeira fonte influente no mesmo. Assim, não funde universalmente nem a partir de suas reservas, mas a partir das reservas emprestadas da fonte primeira. A partir do que, fica claro que, embora a forma, de acordo com os Peripatéticos (Aristóteles, Averróis), seja eduzida da matéria, de acordo com este encaminhamento não se diz que flua, mas antes que é causada ou produzida. Mas pode dizer-se que flua, na medida em que é ato a

partir do ato “casa a partir da casa e saúde a partir da saúde”, como diz Aristóteles no livro VII da *Filosofia Primeira* (VII, 8, 1034a2-6). Este modo de fluxo, os Antiquíssimos e primeiros Peripatéticos chamavam de “processão”, pelo fato de que no mesmo a própria origem primeira da forma simples comunicando-se emite de si a forma procedente sem diminuição de si. Assim como a partir da luz procede um raio e o próprio raio naquilo em que incida, pela difusão, multiplicação e reflexão de si, constitui uma luz semelhante à primeira fonte de luz, o quanto é possível. Assim como transmitem os filósofos (Ps. Aristóteles, Ps. Avicena, Avicena, Averróis, Ptolomeu) que os luminares das estrelas são constituídos a partir da luz do Sol. Pelo que também Ovídio (*Amores*, v. 93.90) diz: “O que impede que a luz de perto [aplicada] ser tirada da luz? Embora mil recebam, nada daí diminui”.

Se, porém, pergunta-se o que faz a primeira fonte emitir este fluxo, uma vez que nada pode operar no primeiro, deve-se dizer que a própria comunicabilidade do primeiro, visto que sempre está em ato e sempre superabunde da abundância de bondade faz esta emanção. Nada, com efeito, há fora dele que o eduza da potência ao ato ou da habilitação ao agir. Com efeito, se o primeiro estivesse em potência, seria imperfeito e haveria outro mais nobre que ele, que o conduziria da potência ao ato. Se, por outra, estivesse em habilitação, estaria como que dormindo e bloqueado e seria preciso que tivesse a retirada do bloqueio de outra parte. Tudo o que é inadequado sobre o primeiro.

A partir disso, fica claro que o fluxo está sempre se fazendo, mas a recepção do fluxo às vezes está feita. Pelo que, se entender-se que a fonte foi interceptada, que não emane, nada das formas se encontrará conservado. Assim como se vê distintamente que tudo que é colorido é destituído da beleza própria, sofrendo o sol um eclipse. Entre tudo, porém, que tem o nome e o constitutivo nocional de princípio, assim flui, principalmente, o intelecto agente, que pela luz que é para ele a essência, emana sempre, assim, de si as formas pelas quais constitui o que produz.

Se perguntar-se o que é o veículo do fluente, nada há a perguntar. Com efeito, a forma que é transportada para cima por um veículo é

corporal e tem um ser corporal no espírito que a transporta. Aqui, porém, a emanção a partir da primeira fonte é intelectual e simples, tanto de acordo com a essência como de acordo com o ser. Pelo que não tem veículo a não ser a comunicabilidade de si mesma. Com efeito, o primeiro do qual falamos, por causa de sua excessiva simplicidade penetra tudo; e nada há, ao qual falte em toda parte, estando sempre presente. No entanto, por causa da semelhança do espírito veiculante no que é corporal, que transporta as formas naquilo em que procedem, Hermes Trismegisto no livro *Sobre a natureza dos deuses* (Ps. Apuleio, Asclépio, c. 6), assim como diz que tudo está cheio de deus, assim também diz que tudo está cheio de espírito, que transporta as formas e as forças dos deuses em tudo. Por causa desta comunicabilidade, Platão sustentou as formas presentes na luz do doador das formas (*Timeu*, 28a, trad. Calcídio, p. 22, v. 22-variante). Assim como as formas do intelecto agente permanecem separadas na luz do intelecto agente e assim estão sempre se manifestando. O que não podem fazer quando repousam na matéria, pelo fato de que então, pelo ser que têm na matéria detém-se a comunicabilidade delas. Portanto, deste modo, se diz que o primeiro princípio flui sem faltar e que o intelecto agente universalmente, ininterruptamente, emite inteligências.

O texto deste capítulo poderia ser dividido da seguinte maneira.

1 – *Fluxo, causa e princípio*

Definição

1.1 – Primeira caracterização do fluxo

Comparação com o *rio*

1.2 – Causado e causa – 2ª caracterização do fluxo –

Comparação com a *arte*

3ª caracterização do fluxo – definição

Citação do *Timeu*

Divisão

2- Fluxo primeiro e segundo

2.1 – Caracterização

2.2 – Fluxo e educação da forma

2.3 – Comparação com a luz

Citação dos antiquíssimos peripatéticos (cf. I, 4, 3, 23-43)

3- Porque a primeira fonte emite o fluxo?

3.1 – Resposta

3.2 – Fluxo e recepção do fluxo

4 – Qual o veículo do fluxo?

Citação de Hermes Trismegisto e Platão: Tudo está cheio de deus e de espírito; intelecto agente cujas formas estão agindo sempre.

Observações sobre o texto

1) Princípio, Causa e Elemento

O fluxo é considerado, primeiro, por contraste com a causa e o princípio (elemento). Estas noções podem ser assim compreendidas.

Princípio – ordem: anterior/posterior

Causa – ordem + influxo para o ser do efeito

Elemento – ordem + influxo para o ser + parte primeira

Cf. *Metafísica*, Liv. V, cap. I-IV – Ed. Col. Tomo XV, I.

2) Há uma uniformidade da fonte primeira e diversidade das coisas que ela constitui. O texto recorre ao princípio da diversidade por causa do receptor.

3) O doador das formas é apresentado como provindo de Platão, *Timeu* 28A – (Calcídio): operi porro fortuna (formam) dat opifex suos.

Cf. *In De divinis Nominibus*, cap. 1, nº 30; cap. 2, nº 44 (segue a interpretação de Aristóteles – causa exemplar do artífice)

4) O fluxo é sempre efeito da fonte primeira

Fluxo e educação:

Aristóteles – *Metafísica*, VII, 8, 1034a2-6

Peripatéticos – Averrois

Antiquíssimos e primeiros peripatéticos (Hermes Trismegisto, Apolo, Hermes Egípcio e Asclépio) – Processão

- As três “opiniões”, “posições”, “vias”, “tradições”: Epicuristas, Estoicos (Avicébron, isto é, Ibn Gabirol) e Peripatéticos.

5) Comparações do fluxo:

Com o Rio

Com a Arte

Com a Luz – quanto a esta última comparação são citados Averróis, *De substantia Orbis*; Ovídio, Amores; Ptolomeu, *Almagesto*

6) Por que a fonte primeira emite o fluxo? Emissão?

Comunicabilidade do primeiro porque:

Sempre está em ato (1º motor de Aristóteles); cf. De Libera, p. 362. De Libera, Albert le Grand et Th. D’Aquin, p. 360; Bonum diffusivum sui – Ps. Dionísio).

Sempre superabunde da abundância de bondade

O fluxo está sempre in fieri (se fazendo)

A recepção do fluxo in facto esse, (completa) às vezes: durante o eclipse do Sol, as cores são destituídas de seu brilho.

7) O veículo do fluxo. Se houvesse veículo, a forma seria corporal. A emissão da primeira fonte é intelectual e simples, de acordo com a *essência* e o *ser* – sem veículo é a *comunicabilidade de si mesma* – Platão (*Timeu*, 28A): “formas presentes na luz do doador das formas; as formas do intelecto agente permanecem separadas na sua luz e estão sempre se manifestando; na matéria não têm comunicabilidade; o primeiro flui sem faltar e o intelecto agente emite inteligências, universal e ininterruptamente”.
- o primeiro, por causa de sua simplicidade excessiva, tudo penetra; nada há ao qual falte, em toda parte, está sempre presente.
- Hermes fala de veículo por causa da semelhança com o espírito veiculante no que é corporal e que transporta as formas naquele em que procedem.

O breve contato com esta amostragem textual de Alberto Magno nos permite perceber alguns aspectos de sua metafísica, aspectos estes que serão retomados e desenvolvidos por seus discípulos, imprimindo a eles, cada um sua marca própria.